

Viradouro: laranja e cana-de-açúcar. Dobradinha do desenvolvimento

Divulgação: Prefeitura Municipal

Foi a expansão do café para o interior de São Paulo que desbravou o chamado “sertão paulista”, então um longínquo lugar, onde nasceu a cidade de Viradouro. O nome originou-se de uma fazenda localizada no ponto terminal da estrada, que obrigava o viajante a “virar” e voltar, já que não havia caminho à frente.

Este “sertão” está localizado a 344 quilômetros de São Paulo, em uma das regiões mais desenvolvidas do Estado, à beira do Rio Pardo, que lhe outorga o título de Princesinha do Rio.

Com 18 mil habitantes, sua economia é fortemente dependente do agronegócio. Entre os principais empregadores, geradores de renda e impostos estão quatro usinas de açúcar e álcool, fazendas de laranja e cana-de-açúcar e indústrias ligadas diretamente às atividades do campo. Entre elas uma que fabrica sacolas para a colheita de laranja e “bags” para o acondicionamento do açúcar.

Com 86 anos, as conquistas são praticamente recentes. A luz elétrica, por exemplo, chegou na cidade em 1917. O serviço de esgoto e asfalto, em 1959. Nos 45 anos seguintes o desenvolvimento foi mais rápido. Hoje Viradouro tem 100% de asfalto e luz elétrica, e até o final do ano 100% do esgoto da cidade receberá tratamento.

Uma ação em respeito ao Rio Pardo que oferece pesca abundante, lazer aos seus usuários e muitos causos para contar. Entre eles está o da pesca de uma carpa de 1 metro e meio de comprimento. O fato, com foto, está no site da cidade para comprovar que não se trata de estória de pescador, mas de história.



Vista aérea de Viradouro com canais ao fundo

A tranquilidade dessa típica cidade do interior de São Paulo tem sido quebrada com a freqüente ocorrência de furto de bicicletas, o principal meio de locomoção dos moradores. Para combater esta infração, a Polícia Militar mandou confeccionar informativos especiais aconselhando os donos de bicicletas a personalizar e colocar placas de identificação nas “magrelas”, afinal de contas elas fazem parte do patrimônio das famílias locais.

A educação tem sido muito incen-

tivada em Viradouro. As criações do Museu Histórico e da Biblioteca Municipal são exemplos disso, assim como projetos específicos de qualificação de professores e apoio à musicalidade. O coral da Escola Estadual “Odulfo de Oliveira Guimarães” foi vencedor, no ano passado, do Concurso Estadual de Corais Natalino, promovido pela Secretaria Estadual da Educação. O Coral de 60 vozes é formado por alunos do ensino fundamental ao médio, e conta com o apoio da prefeitura e da iniciativa privada para custear o maestro e as viagens de apresentação.

As festas populares são motivo de orgulho para todos de Viradouro e realizadas com empenho maior a cada ano, como o Encontro Folclórico, o Encontro de Folia de Reis, a etapa do Circuito Nacional de Rodeios, as festas juninas e o carnaval de rua. É um retrato fiel do interior que trabalha muito mas que não dispensa a diversão e não esquece suas origens.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 623-2326 e 620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abag_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.800 exemplares



Educação sem lousa



Contextualizar, este é o termo da moda em educação. Fazer com que o aluno vivencie na escola a realidade do seu dia a dia.

É exatamente este o trabalho que a ABAG/RP vem desenvolvendo no “Programa Educacional Agronegócio na Escola”. Em seu quarto ano, o programa é mais uma ferramenta para os professores da rede pública, que se desdobram para tentar fazer com que o aluno se interesse pela escola e veja na educação uma aliada para o seu desenvolvimento.

A contextualização da realidade é feita usando o agronegócio como pano de fundo. O maior setor da economia brasileira é também o maior da região. Faz parte da vida de todos direta ou indiretamente, seja pelos produtos que dele derivam, pelos empregos que gera, pelos impostos que recolhe, pelas oportunidades que oferece. Mas é preciso vivenciar para entender, por isso a lousa é deixada para trás e o ônibus entra em ação.

Os professores fazem a primeira experiência. Visitam as empresas associadas da ABAG/RP para começar a arquitetar o uso dos exemplos em suas matérias. O professor de física, Luís Fernando Porto, da cidade de São Simão, em seu primeiro ano de projeto, ficou entusiasmado com a visita que fez à indústria Marchesan: “pela primeira vez vou poder mostrar aos alunos o conceito de atrito sem ter que arrastar a mesa da sala de aula. Aqui eles verão na prática o que estudamos em classe, e por quê estudamos”. Cerca de 200 professores passaram um sábado inteiro visitando as empresas, alguns como Luís Fernando, pela primeira vez, mas outros pela quarta vez. Segundo eles é sempre possível fazer novas descobertas durante estas visitas.

Alunos da EE “Doutor William Amin”, de Miguelópolis, durante visita à Usina Mandu, em Guaíra



Na Fazenda da Canoaeste, em Terra Roxa, alunos da escola “Dr. Antônio Furlan Júnior”, de Sertãozinho, se empolgaram no viveiro de mudas

Com o professor dominando a abordagem do assunto agronegócio em suas matérias, começaram imediatamente as visitas dos alunos. Neste ano cerca de 11.600 alunos, de 35 cidades e 67 escolas públicas, estão participando do Programa. Todos terão a oportunidade de fazer pelo menos um dos 17 roteiros diferentes do agronegócio na região. Como comparação, no primeiro ano do programa, 967 alunos fizeram as visitas dirigidas, 22 no total. Neste ano serão 250 no total. Só em um mês, agosto, estão previstas 49 visitas, mais de 2 mil alunos em campo. O crescimento do programa tem sido de forma paulatina, para garantir sua qualidade e sustentabilidade. Qualquer trabalho com educação tem que ser feito a médio e longo prazo. Não pode correr o risco de ser interrompido a qualquer momento, para que não se perca a confiança dos educadores e

dos alunos. Se a educação é o caminho, é ela que deve ser promovida.

Para a diretoria de ensino de São Joaquim da Barra, que ingressou no programa neste ano, uma feliz coincidência. Para 2004 foi escolhido, para o desenvolvimento de um grande estudo temático, a cultura da cana-de-açúcar. Os estudos que seriam feitos apenas com pesquisas teóricas, ganharam outra dimensão com a possibilidade de estudar na prática a cadeia produtiva do açúcar e do álcool. Na primeira visita dos alunos dessa diretoria, à Usina Mandu, em Guaíra, o contraste entre a leitura proposta em sala de aula do livro “A Bagaceira”, de José Lins do Rego, e a modernidade do setor, o mais competitivo do mundo. Num mundo de imagens, sons, internet, blog, chat..., a velha lousa fica em desvantagem, por isso vivenciar a teoria faz toda a diferença.

Câmara Setorial da Citricultura: renovação das relações

Um ano e cinco meses depois da reativação do Consagro, Conselho do Agronegócio, cujo objetivo é ser o grande formulador das políticas para o setor, foi instalada a Câmara Setorial da Citricultura, um dos segmentos mais importantes do agronegócio brasileiro. A citricultura, segundo recente pesquisa do Centro de Inteligência do Pensa/USP, movimentava cerca de R\$ 10 bilhões no país, empregando 40 mil pessoas e resultando em divisas superiores a US\$ 1,4 bilhão em exportações. A instalação aconteceu em Bebedouro, na Estação Experimental da Coopercitrus (Cooperativa de Cafeicultores e Citricultores do Estado de São Paulo) com a presença do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues.

O ministro lembrou a importância da ABAG, fundada em 1993, na disseminação do conceito de agronegócio (um conceito que chegou ao Brasil com mais de 30 anos de atraso em relação à sua formulação na Universidade de Harvard), da importância de se enxergar o setor em toda a sua extensão, com toda a sua abrangência.

Por isto, segundo o ministro, a recomposição do CNPA, Conselho Nacional de Política Agrícola, e do Consagro, que é um conselho de caráter consultivo que reúne de forma paritária governo e iniciativa privada, conferem mais agilidade, uma vez que as posições e reivindicações são discutidas com antecedência nas câmaras setoriais.

A Câmara Setorial da Citricultura foi a 17ª a ser instalada, em 15 meses. O andamento dos trabalhos das câmaras depende muito do grau de organização de cada cadeia produtiva, e dela depende os rumos e a conquista de resultados. Na cadeia da citricultura, como nas outras, cada elo tem suas prioridades. Os conflitos são, à primeira vista, inevitáveis. Para o presidente da Abecitrus (Associação Brasileira das Indústrias de Citrus), Ademerval Garcia, o momento da instalação foi oportuno, principalmente devido aos problemas sanitários mais recentes que atacam os pomares. Segundo Garcia, a discussão deve abranger

da semente ao copo, muito mais do que apenas preços. Trata-se da sobrevivência da citricultura brasileira.

O presidente da Associtrus (Associação Brasileira de Citricultores), Flávio Viegas, foi o indicado para presidir a Câmara Setorial, e em seu discurso de posse enfatizou a necessidade de união da cadeia produtiva, para consolidar a posição de liderança que o Brasil conquistou na produção, industrialização e distribuição de produtos cítricos no mercado internacional. Mantendo, ao mesmo tempo, a competitividade, a estabilidade de preços e uma remuneração adequada para todos os elos. Outras ênfases, segundo Viegas, deverão ser o mercado interno de fruta e suco, e os cuidados fitossanitários e agrônômicos.



Produtores eram maioria durante o lançamento da Câmara Setorial da Citricultura



Ministro da Agricultura Roberto Rodrigues durante a solenidade de instalação da Câmara Setorial da Citricultura, e em momento de descontração, entre o presidente da Abecitrus, Ademerval Garcia, representante da Indústria, e Flávio Viegas, presidente da Associtrus, representante dos produtores e empossado presidente da Câmara

CÂMARAS SETORIAIS JÁ INSTALADAS

Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Alcool
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Agricultura Orgânica
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Carne Bovina
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Citricultura
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Culturas de Inverno
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Equideocultura
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Fruticultura
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Fumo
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Hortaliças
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Insumos Agrícolas
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Leite e Derivados
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Mandioca e Derivados
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Milho e Sorgo, Aves e Suínos
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Viticultura, Vinhos e Derivados
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Cacao e Sistemas Florestais
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Caprinos e Ovinos

CÂMARAS TEMÁTICAS

Câmara Temática de Negociações Agrícolas Internacionais
Câmara Temática de Ciências Agrárias
Câmara Temática de Financiamento e Seguro do Agronegócio

Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Alcool: bom exemplo

O objetivo das câmaras setoriais, de evoluir na formatação de políticas públicas e ações privadas, vem sendo alcançado nas diversas cadeias produtivas. Como interesses diversos estão em jogo, a fase de estruturação e o planejamento de atuação são fundamentais para o bom funcionamento da câmara. Esta é a opinião do Presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Alcool, Luis Carlos Corrêa de Carvalho. Com 14 meses de atuação, a câmara que reúne todos os elos da cadeia produtiva da cana-de-açúcar, focou seus esforços na questão de mercados, discutindo problemas nacionais, barreiras internacionais; tecnológicas de uso e produção e política tributária.

Como resultados, Carvalho salienta que o esforço concentrado na questão tributária levou à redução do ICMS do álcool no estado de São Paulo, de 25% para 12%, o que foi bom para o setor e para o próprio estado, que obteve um aumento na arrecadação deste tributo. Em suas projeções de mercado, a Câmara fez um extenso trabalho prevendo a ampliação do uso de carros bi-combustíveis, conseguindo que o IPI destes mo-

delos ficasse no mesmo patamar dos carros movidos a álcool combustível. Um outro trabalho desenvolvido pela Câmara, foi um estudo dos problemas referentes à infra-estrutura, que o Ministro Roberto Rodrigues discutiu com o governo japonês. O Japão já aprovou a adição de 3% de álcool à gasolina, e o Brasil é o único país com capacidade para atender a esta demanda. Mas foi preciso caracterizar as dificuldades para facilitar a futura produção e a exportação deste álcool.

Outra vitória beneficiou os produtores de cana-de-açúcar do nordeste. O modelo do Consecana foi estendido a eles. A partir de agora o preço da matéria-prima variará de acordo com sua qualidade.

A união do grupo que compõe a Câmara é cada dia maior, completa Carvalho, e o mais importante é que houve uma integração de toda a cadeia, da pesquisa ao comércio.

Para o ministro Roberto Rodrigues este é o único caminho. O Governo atua apenas na articulação, o setor privado que é o grande "ator", é que deve definir suas demandas e indicar soluções para avançar competitivamente.